

## 5 Sintaxe dos verbos *haver* e *existir*

Há aspectos envolvidos em construções com *haver* e *existir* que são muito importantes, para encontrar as raízes das dificuldades que se apresentam no uso desses dois verbos. Não só os aspectos sintáticos mas também os semânticos devem ser considerados num estudo que visa a descrever a origem de tais dificuldades. É preciso, então, verificar o que se tem documentado a respeito do uso de *haver* e *existir* e é isso que farei a seguir, tomando a teoria tradicional.

Nos compêndios de gramática encontrei satisfatórios registros a respeito da sintaxe de *haver*, mas o mesmo não acontece em relação a *existir*. Na verdade, aborda-se com frequência o verbo *haver* no tratamento das chamadas *orações sem sujeito* e dos verbos *impessoais*. Com relação a *existir*, entretanto, não se têm muitos registros a respeito de sua sintaxe nem das relações que esse verbo tem com *haver*. A abordagem de *existir* é vista em **Cunha & Cintra** (2007) e em **Bechara** (1988). Tomo os escritos presentes nas obras desses autores porque compilam de certo modo o pensamento comum da teoria tradicional sobre o verbo *existir*, visto que são representantes dessa teoria.

O uso de *haver* no português é bastante amplo, e isso envolve aspectos, como já citei antes, sintáticos e semânticos. De qualquer modo, há registros em livros que já não são mais usados no português brasileiro atual, pelo menos não na região sudeste, como o caso de *haver* com acepção de posse. É relevante considerar que é o significado desse verbo que vai determinar sua sintaxe, por isso deve-se voltar o olhar não só para os aspectos formais, pois a semântica tem valor primordial. A consideração do uso atual leva a contrapor noções adquiridas em estudos que têm como fundamento as origens do verbo com o que é corrente na mente dos usuários da língua.

**Cunha & Cintra** delineiam cinco tipos de emprego de *haver*, com algumas particularidades em cada tipo (p. 551 a 554). Fazendo uma síntese desse estudo, obtive o seguinte:

1. *Haver* é empregado em todas as pessoas:
  - a) quando é auxiliar de verbo pessoal, equivalendo a *ter*:

*Também a mim me **h**ão ferido.* (p.551)

b) quando é verbo principal significando “conseguir”, “obter”, “alcançar”, “adquirir”:

*Donde **houveste**, ó pélago revoltado,  
Esse rugido teu?* (p. 551)

c) quando é verbo principal reflexivo, com o significado de “portar-se”, “proceder”, “comportar-se”, “conduzir-se”:

*Soares **houve-se** como pôde na singular situação em que se achava.* (p. 552)

d) quando também é verbo principal reflexivo no sentido de “entender-se”, “avir-se”, “ajustar contas”:

*O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que **se houvesse com ele**.* (p. 552)

e) sendo verbo principal, acompanhado de infinitivo não-preposicionado, equivalendo a “ser possível”:

*Não **há** negá-lo, o apito é de uso geral e comum.* (p. 552)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver*, como verbo principal, nas acepções de:

a) “ter”, “possuir”:

*Aos que o bem fizeram, **hei** inveja.* (p. 552)

b) “julgar”, “pensar”, “considerar”, “ter para si”:

*O que **hei** por gram crueza.* (p. 553)

3. Nas expressões:

a) *haver por bem* = “dignar-se”, “resolver”, “assentar”, “julgar oportuno ou conveniente”:

*O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, **houve por bem** interromper a ingestão de um flamante discurso sobre a questão do Amapá para acudir em apoio ao fedelho.* (p. 553)

b) *haver mister* = “precisar”, “necessitar”:

*Não há mister mais que um módulo ou matiz para os descontar como poesia de lei.* (p. 553)

4. É empregado como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa “existir”, ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, conjuga-se somente na 3ª pessoa do singular, em qualquer tempo:

**Há** trovoadas em toda a parte... (p. 553)

5. Quando *haver* significa “existir” e vem acompanhado dos auxiliares *ir*, *dever*, *poder*, etc., a locução formada é também impessoal:

- *Eu não sei, senhor doutor, mas deve haver leis.* (p. 554)

Quanto ao emprego de *existir*, os autores fazem a seguinte observação (*Ibid.*, p. 554):

O verbo *haver*, quando sinônimo de “existir”, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente. Dir-se-á, pois:

**Há tantas folhas** pelas calçadas!  
**Existem tantas folhas** pelas calçadas!

Construções do tipo

**Houveram muitas lágrimas** de alegria.  
(C. Castelo Branco, V, 82)

Ali **havam vários deputados** que conversavam de política.  
(Machado de Assis, OC, II, 67-68)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Note-se que a norma insiste em não aceitar construções com a flexão plural de *haver*, mas o registro em escritores famosos da língua portuguesa mostra que a intuição nos leva a aceitá-las e usá-las.

**Evanildo Bechara** (1988, p. 30-33) trabalha com as noções de *verbos impessoais* e *orações sem sujeito* como um denominador comum do que aparece nos compêndios de gramática. Ao comentar a sintaxe dos verbos impessoais,

entretanto, admite que ocorrem registros de concordância desses verbos quando seguidos de substantivos no plural. A afirmação do autor prova que o falante de português considera o SN posposto ao verbo sujeito. Segundo o gramático, esse acontecimento se dá (*Ibid.*, p. 31 e 32)

porque o falante toma tais plurais como sujeito, quando, na realidade, não o são: *verbo impessoal não tem sujeito*. Assim notemos:

CERTO

ERRADO

*Houve* enganos lamentáveis*Houveram* enganos*Haverá* prêmios*Haverão* prêmios

O autor, ao trabalhar a norma, escreve uma seção em que a sintaxe de *haver* e *existir* é confrontada. Bechara mantém como se espera a posição tradicional (*Ibid.*, p. 32):

Embora *haver* entre em construções de sentido igual às do verbo *existir*, em frases como *Há livros bons*, *haver* fica no singular, enquanto *existir* vai ao plural: *Existem livros bons*.

A razão é porque o verbo *haver*, assim empregado, é impessoal. *Existir*, ao contrário, é pessoal, isto é, tem sujeito. Na oração dada, o sujeito de *existir* é *bons livros*.

A sinonímia de *haver* e *existir* tem levado muitos escritores ao emprego de *haver* no plural, prática de linguagem que nos cumpre evitar cuidadosamente.

A rigidez da tradição leva o gramático a rejeitar, além do uso pessoal de *haver*, uma construção muito comum hoje em dia: o emprego de *ter* por *haver*, comprovando o que já trabalhamos no capítulo I: a concorrência desses verbos em variadas construções e a oscilação de sua sintaxe. Eis o que escreve Bechara (*Ibid.*, p. 33):

Constitui incorreção, na língua culta, o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver* em orações como:

*Tem livros na mesa* por *Há livros na mesa*. (...)

Este emprego de *ter* impessoal parece ter-se originado de duas ordens de fatores: a) a mudança na formulação da oração *A biblioteca tem bons livros* ao lado de *Na biblioteca há bons livros*; b) a progressiva vitória do verbo *ter* sobre o verbo *haver* em uma série de enunciados em que ambos lutaram pela sobrevivência, como na auxiliaridade dos tempos compostos (*hei estudado* / *tenho estudado*), em expressões como *há nome* / *tem nome* (= chama-se) e tantos outros.

Como se vê, Cunha & Cintra e Bechara fazem um apanhado que vigora nos estudos tradicionais sobre os verbos *haver* e *existir*. Para este trabalho, importa o contraponto entre o uso pessoal e o impessoal de *haver*, não sendo relevante o uso em expressões. Quanto ao uso PESSOAL, destaco a aplicação como verbo auxiliar, construção que aparece com força no português arcaico, quando acontece a perda do significado de posse, e se firma no século XVIII. Entretanto, esse tipo

de construção não é hoje tão comum na língua falada, e é observado somente em alguns dos veículos de comunicação impressos. Destaco também a descrição do uso de *haver* com acepção de posse e a observação que Cunha & Cintra fazem de que não acontece mais na língua moderna. Quando portadoras do sentido de posse, as construções com o verbo *haver* tinham a seguinte estrutura: sujeito/ verbo/ objeto, em termos de estrutura sintagmática teríamos: SN + V + SN; sendo possível confirmar sua pessoalidade porque existe um termo explícito ou identificável pela desinência verbal com estatuto nominal. Quanto ao uso IMPESSOAL de *haver*, interessa-me a acepção de “existir”. Nesse caso, Cunha & Cintra consideram que a impessoalidade acontece com o verbo usado tanto sozinho quanto presente numa locução verbal, como verbo principal, sendo a impessoalidade transmitida ao verbo auxiliar. A estrutura desse tipo de ocorrência pode ser esquematizada segundo a visão tradicional da seguinte forma: verbo/ objeto direto, e quanto à estrutura sintagmática: V + SN. De acordo com a proposta da teoria tradicional, o verbo *haver*, nesse caso, é *transitivo direto*, por isso Cunha & Cintra aceitam a forma pronominal oblíqua preenchendo a posição do SN, embora esse seja um uso não identificável nem na fala nem escrita do português atual. Só tenho conhecimento dessa ocorrência no ditado espanhol traduzido para o português: “Não acredito em bruxas, mas que *as* há, há”. Aqui abre-se uma porta para a afirmação de que o SN que vem depois de *haver* é *objeto direto*, já que os verbos tradicionalmente chamados *transitivos diretos* aceitam esse tipo de construção (v. *Amo meus pais* → *Amo-os*). Entretanto, essa parece ser a única construção em que se verifica a presença da cliticização com *haver*, pois não encontrei no português atual uma construção como *Há-as* por *Há pessoas esperando*. A falta de exemplos na língua faz-me pensar que o uso de *haver* em predicados existenciais tem mais que uma semelhança estrutural, quanto aos sintagmas, e uma semelhança semântica com o emprego do verbo *existir*. Retomo os exemplos citados por Cunha & Cintra: *Há tantas folhas pelas calçadas!* e *Existem tantas folhas pelas calçadas!*. Nas duas frases 1) o significado do verbo é o mesmo: acepção de “existir”; 2) o significado da proposição também é o mesmo; 3) a estrutura sintagmática é V + SN, cf. *há/ existem + tantas folhas*.

As considerações tradicionais, obviamente, são coerentes com sua proposta. Se é regra geral de concordância verbal que o verbo concorde em número e pessoa com o sujeito, e não com o *objeto direto*, é por isso que o verbo *existir* aceita a

flexão de plural quando o SN (considerado *sujeito* pela tradição) está no plural, ao contrário de *haver*, pois a tradição considera que o SN subsequente ao verbo, nesse caso, é *objeto direto*. Esse é o critério formal adotado pelos estudos tradicionais, que tem sido reproduzido entre os séculos de tradição gramatical em língua portuguesa. Mas o próprio decorrer dos séculos tem mostrado que a sintaxe e a semântica do verbo *haver* têm sofrido modificações. É bastante claro que as raízes das dificuldades no uso de *haver* e *existir* residem na própria história desses verbos, principalmente no caso de *haver*, que vem sofrendo tantas mudanças no curso do tempo.